

**Exame Final Nacional de Literatura Portuguesa
Prova 734 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2023**

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 22/2023, de 3 de abril

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

7 Páginas

A prova inclui 5 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 4 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

GRUPO I

Antes de ler o excerto de *Peregrinação*, leia a contextualização que o antecede. Se necessário, consulte as notas.

Contextualização

Encontrando-se na ilha dos Ladrões, após um terrível naufrágio, António de Faria e os seus homens avistam uma embarcação chinesa (lantea) na praia. Apercebendo-se de que a tripulação se encontrava em terra, apropriam-se do barco e afugentam os chineses, que se refugiam no mato. Já ao largo, os portugueses saciam a fome com alimentos encontrados na lantea, descobrem que se apoderaram de uma carga valiosa e constataam que um menino chinês se encontra a bordo.

António de Faria, vendo um menino que também ali estava, de doze até treze anos, muito alvo e bem assombrado, lhe perguntou donde vinha aquela lantea ou por que causa viera ali ter, de quem era, e para onde ia; o qual lhe respondeu:

5 – Era do sem ventura de meu pai, a quem caiu em sorte triste e desventurada tomardes-lhe vós outros em menos de uma hora o que ele ganhou em mais de trinta anos, o qual vinha de um lugar que se chama Quoamão, onde a troco de prata comprou toda essa fazenda que aí tendes, para a ir vender aos juncos de Sião que estão no porto de Comhay, e porque lhe faltava a água, quis a sua triste fortuna que a viesse tomar aqui para vós lhe tomardes sua fazenda sem nenhum temor da justiça do céu.

10 António de Faria lhe disse que não chorasse e o afagou quanto pôde, prometendo-lhe que o trataria como filho, porque nessa conta o tinha e o teria sempre, a que o moço, olhando para ele, respondeu com um sorriso a modo de escárnio:

15 – Não cuides de mim, ainda que me vejas menino, que sou tão parvo que possa cuidar de ti que, roubando-me meu pai, me hajas a mim de tratar como filho, e se és esse que dizes, eu te peço muito muito muito por amor do teu Deus que me deixes botar a nado até essa triste terra onde fica quem me gerou, porque esse é o meu pai verdadeiro, com o qual quero antes morrer ali naquele mato, onde o vejo estar me chorando, que viver entre gente tão má como vós outros sois.

20 Alguns dos que ali estavam o repreenderam, e lhe disseram que não dissesse aquilo, porque não era bem dito, ao que ele respondeu:

– Sabeis porque vo-lo digo? Porque vos vi louvar a Deus com os beijos untados, como homens a quem parece que basta arregar os dentes ao céu sem satisfazer o que têm roubado; pois entendi que o Senhor da mão poderosa não nos obriga tanto a bulir com os beijos quanto nos proíbe de tomar o alheio, quanto mais roubar e matar, que são dois pecados 25 tão graves quanto depois de mortos conhecereis no rigoroso castigo de sua divina justiça.

Espantado António de Faria das razões deste moço, lhe disse se queria ser cristão, a que o moço, pondo os olhos nele, respondeu:

– Não entendo isso que dizes, nem sei que coisa é essa que me dizes; explica-me primeiro e então te responderei a propósito.

30 E declarando-lhe António de Faria por palavras discretas ao seu modo, lhe não respondeu o moço a elas, mas pondo os olhos no céu, com as mãos levantadas disse chorando:

– Bendita seja, Senhor, a tua paciência, que sofre haver na terra gente que fale tão bem de ti e use tão pouco da tua lei, como estes miseráveis e cegos que cuidam que furtar e pregar te pode satisfazer como aos príncipes tiranos que reinam na terra.

35 E não querendo mais responder a pergunta nenhuma, se foi pôr a um canto a chorar, sem em três dias querer comer coisa nenhuma de quantas lhe davam.

Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação & Cartas*, 1.º Vol., edição de Maria Alberta Menéres, Lisboa, Edições Afrodite, 1989, pp. 181-183.

NOTAS

ali (linha 1) – no contexto, no interior da embarcação chinesa.

bem assombrado (linha 2) – bem-parecido.

lantea (linha 2) – barco ligeiro à vela e com mais de sete remos.

sem ventura (linha 4) – desventurado; sem sorte.

fazenda (linha 6) – mercadoria; bens.

juncos (linha 7) – embarcações à vela, de popa mais alta do que a proa, usadas na China e no Japão.

fortuna (linha 8) – sorte; destino.

Não cuides (linha 13) – não penses.

bulir com os beijos (linhas 23 e 24) – mexer os lábios (louvar a Deus).

1. Descreva a reação de António de Faria ao relato inicial do menino.

* 2. A criança qualifica duas ações como «pecados tão graves» (linhas 24 e 25).

Identifique essas ações e quem as praticou.

* 3. Explique de que modo as expressões «pondo os olhos nele» (linha 27) e «pondo os olhos no céu» (linha 31) contribuem para caracterizar a atitude do menino em dois momentos do seu diálogo com António de Faria.

4. Apresente dois dos argumentos utilizados pelo menino para denunciar o comportamento contraditório dos portugueses.

GRUPO II

Observe a imagem de um biombo Namban, abaixo apresentada. Leia o poema e as notas.



Maria Helena Mendes Pinto, *Biombos Namban*, 4.ª ed., MNAA, Lisboa, 1993, p. 49.

Os Biombos Namban

Os biombos Namban contam
A história alegre das navegações
Pasma de povos de repente
Frente a frente

5 Alvorço de quem vê
O tão longe tão ao pé

Laca e leque
Kimono camélia
Perfeição esmero
10 E o sabor do tempero

Cerimónias medidas
Nipónicas finuras
Malícia perante
Narigudas figuras
15 Inchados calções

Enquanto no alto
Das mastreações
Fazem pinos dão saltos
Os ágeis acrobatas
20 Das navegações

Dançam de alegria
Porque o mundo encontrado
É muito mais belo
Do que o imaginado

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Obra Poética*, edição de Carlos Mendes de Sousa, Lisboa, Assírio & Alvim, 2015, p. 806.

NOTAS

Biombos Nambam (título) – peças de mobiliário formadas por painéis móveis e articulados, de importância histórica e artística, que retratam a chegada ao porto de Nagasáqui dos *namban jin* (os bárbaros do sul, como eram designados, no Japão, os portugueses). No poema, manteve-se a grafia utilizada pela autora («Nambam»).

Laca (verso 7) – verniz originário da China e do Japão; material ou objeto revestido por esse verniz.

Kimono (verso 8) – o mesmo que quimono; túnica longa, com mangas largas, usada no Japão.

camélia (verso 8) – flor da cameleira ou da japoneira, semelhante à rosa, também conhecida por rosa-do-japão.

mesuras (verso 11) – vénias em sinal de cortesia.

mastreações (verso 17) – conjunto de mastros de uma embarcação.

1. Explícite o sentido das palavras «Pasmo» (verso 3) e «Alvorço» (verso 5), tendo em conta o contexto em que se inserem.

* 2. Analise o valor expressivo da enumeração presente na terceira estrofe.

3. O primeiro verso da última estrofe contribui para acentuar uma visão festiva das «navegações» (versos 2 e 20).

Justifique esta afirmação, referindo dois aspetos que a comprovem.

* 4. Observe as imagens, que reproduzem pormenores de dois biombos Namban.



Pormenor da chegada de uma nau portuguesa vinda de Goa



Pormenor do cortejo do capitão-mor

*** GRUPO III**

A leitura de ficção e poesia permite viver outras vidas, dá acesso a outros mundos possíveis.

Jorge Fazenda Lourenço, «Elogio da Leitura», *Jornal de Letras*,
27 de janeiro a 9 de fevereiro, 2021, p. 5.

Tendo em conta a citação transcrita, selecione uma obra narrativa ou a obra de um poeta, que tenha estudado no âmbito da disciplina de Literatura Portuguesa, e explique de que modo essa leitura propiciou uma viagem por outras épocas e o acesso a experiências diferentes.

Redija um texto de cento e cinquenta a duzentas e oitenta palavras.

Comece por indicar, na folha de respostas, o nome do autor e o título da narrativa ou o nome do poeta que selecionou.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2023/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 5 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo					Subtotal
	I 2.	I 3.	II 2.	II 4.	III	
Cotação (em pontos)	25	25	25	25	25	125
Destes 4 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	Grupo					Subtotal
	I 1.	I 4.	II 1.	II 3.		
Cotação (em pontos)	3 x 25 pontos					75
TOTAL						200

Prova 734

1.^a Fase